

Mais de 60% das 8,5 mil ligações diárias para o Copom são trote, o que torna mais longos os plantões da Polícia Militar

190

O NÚMERO QUE NÃO PÁRA

Luís Osvaldo Grossmann
Luiz Roberto Fernandes
Da equipe do **Correio**

A cada dez segundos alguém liga para o telefone 190, seja por um homicídio na frente de casa ou porque faltou luz na

quadra. O aumento da violência no Distrito Federal (Brasília é a 12ª capital com o maior número de homicídios entre jovens no país), no entanto, não está sendo acompanhado pela melhoria nos serviços policiais — especialmente pela falta de verbas e de pessoal. Mas em uma sala do Comando

de Policiamento, equipes de policiais militares se revezam diariamente para manter atento, 24 horas por dia, um serviço que não pode parar. Afinal, os problemas não têm lugar nem hora certa para acontecer. E se problemas surgem, uma coisa é certa. Alguém vai ligar para o 190.

Sete pares de chinelos levantam poeira enquanto os adolescentes se aproximam da QR 419, em Samambaia. À frente deles dois rapazes conversam, separados por uma bicicleta e iluminados por um poste de luz. Das casas escapa o diálogo dos atores na televisão. É hora da novela e poucas pessoas andam pelas ruas.

Os adolescentes cercam os dois rapazes enquanto três deles sacam armas. São pistolas 380, compradas no mercado negro por R\$ 450. A arma preferida das gangues da cidade. Ao todo são disparados 17 tiros. Corpos, sangue, terra e bicicleta se misturam no chão. Os assassinos vão embora calmamente, rindo e conversando, ao mesmo tempo em que alguém alcança um telefone.

A trinta quilômetros dali, em uma sala no segundo andar de um prédio baixo e sem adereços, um sinal pisca em frente a um dos dez operadores de plantão, que aperta um botão e libera a ligação.

“Polícia Militar, boa noite”, responde o soldado no microfone preso aos fones de ouvido. Ele ouve enquanto faz anotações à mão na ficha de ocorrência, preenchendo os campos vagos com a data, hora, local e a natureza do fato. Há alguns meses as ocorrências seriam registradas diretamente nos computadores, mas um raio queimou a rede elétrica e as máquinas viraram enfeite. Não há verbas para mandar consertar.

A pequena ficha de ocorrência é encaminhada ao Oficial de Operações, sempre um capitão da PM, que lê rapidamente o histórico e rubrica o papel. A ocorrência segue para um dos oito grandes terminais em funcionamento, que unem rádio, telefone e computador com acesso a informações da Telebrasil e do Detran.

Mais precisamente para o número 4 — o mais movimentado — responsável pela área de Ceilândia, Samambaia, Brazlândia e Recanto das Emas. Pelo rádio é feito o contato com a equipe mais próxima do local, uma viatura do 11º Batalhão. É o primeiro socorro a chegar na QR 419. Infelizmente, para os dois rapazes já é tarde.

COBERTURA TOTAL

Na entrada do Comando de Policiamento pequenas estátuas dos santos Cosme e Damião sugerem uma silenciosa homenagem aos policiais militares. Uma escada leva ao segundo andar e no final do corredor, sobre duas portas de vidro, uma placa anuncia que ali funciona o Centro de Operações da Polícia Militar, o Copom.

Dentro, as paredes são forradas com uma espuma cinzenta, semelhante a utilizada nos estúdios das estações de rádio para que o som não ecoe. Na sala maior ficam as mesas dos oficiais de operações e comunicação, rodeadas pelos grandes terminais responsáveis pelo contato com áreas específicas e que cobrem todo o Distrito Federal. Parece saída de filmes de ficção dos anos 60.

É dali que se faz a ligação direta com os cerca de 2.700 policiais e 160 viaturas que circulam pelo DF diariamente. Há ainda uma sala para o comandante de policiamento e uma pequena central de telex, principalmente para comunicações internas.

Uma divisória separa o corredor com doze mesas onde ficam os soldados, homens e mulheres, que atendem às cerca de 8.500 ligações diárias para o 190, em turnos de seis horas. Os telefones não param. Em média são seis ligações por minuto.

Joédison Alves



Asala de atendimento do Copom lembra filme de ficção científica dos anos 60. Cada mesa atende a uma região da cidade, em plantões de seis horas. Há até ligações sedutoras para PMs homens e mulheres

Madrugada de códigos, violência e desespero

A maioria absoluta das chamadas ao Copom nem mesmo diz respeito à Polícia Militar. É gente que liga porque faltou luz em casa ou caiu um cabo de energia da CEB. Mulheres que entram em trabalho de parto, uma árvore que caiu no meio da rua, pessoas que querem apenas conversar com alguém. Depois das 22h começam as reclamações sobre o volume do som no vizinho ou em bares. E trotes, muitos trotes.

“Mais de 60% das ligações são trotes, ou ocorrências em que nada aconteceu realmente. Não há como evitar e além disso nós temos que verificar tudo. Por isso que as pessoas às vezes reclamam que não conseguem falar no 190, porque as linhas estão ocupadas com trotes”, avalia o capitão Leonardo Sant’Anna, um dos oficiais de operações do Copom.

Para se ter uma idéia, das mais de 8 mil ligações diárias, menos de 400 se transformam em fichas de ocorrência. Dessas, apenas metade, quando muito, são ocorrências policiais reais. No restante, a polícia chega, mas nada ocorreu.

Cada soldado atende a uma média de 200 ligações por dia. Entre tanta gente, alguns ligam para nada mais do que namorar. É isso mesmo. Tem gente que liga pro Copom para passar cantada nos policiais homens e mulheres. “Tem muita cantada mesmo. Às vezes a gente até marca uns encontros”, conta um soldado.

Mas é no trabalho sério que está a diferença, afinal a resposta rápida do Centro de Operações pode fazer a diferença e salvar vidas. A cabo Silvana de Brito Offredi, que supervisiona o trabalho dos soldados nos telefones, sabe muito bem o que significa essa seriedade. “Já passei 13 minutos conversando com uma mulher em Santa Maria. Ela dizia que ia matar o filho

Anderson Schneider



Policiais militares saem para checar denúncias e pedidos de ajuda: os códigos ecoam nos rádios das viaturas

pequeno e depois ia se matar. Estava desesperada, sem emprego, sem dinheiro. Tentamos localizar a chamada, mas o número não constava no cadastro da Telebrasil, por isso não apareceram o nome e o endereço no computador. O jeito foi tentar resolver ali mesmo, conversando até conseguir acalmá-la”, lembra.

DELTA, FOX

Kebec, bravo, fox, negativo, oitavo, primeiro, negativo, delta, fox. A frase acima parece não ter sentido, mas tem. A mensagem, em código, anunciada pelo Copom para todos os carros que participaram da ronda, numa noite do mês passado, indica a placa de um carro furtado em Taguatinga.

O carro, um Monza azul, foi furtado na CNB 12, em Taguatinga Centro, às 19h. O furto só chegou ao conhecimento do Copom às 21h. Antes, foi registrado na 12ª Delegacia de Polícia (Taguatinga Centro).

Repassada a informação para os carros da Polícia Militar, a responsabilidade de encontrar o carro fica a cargo dos policiais que estão na rua. É mais uma placa a ser memorizada pelos policiais de plantão. No total, 23 carros foram furtados nesse dia. Pouco antes, às 20h45, já havia outro alerta. Esse, um pouco mais sério.

“Atenção para um Uno vinho tomado por assalto no bloco B da 403 Norte”, alertou o policial do Copom

pelo rádio. “Quatro fugitivos do Cade tomaram o carro por assalto e fugiram em direção ao Paranoá”, disse para depois completar que o carro era de um *papa maíke* (policial militar) e ele havia sido levado como refém.

Logo depois: “O *papa maíke* foi abandonado no Varjão. Ele estava armado só que os fugitivos não viram a arma”. E lá se vão todos os carros da área — quatro só no Paranoá — à procura do Uno vinho. Depois de horas, nada é encontrado.

“É muito difícil pegá-los. Aquela área é cheia de estradas vicinais”, lamentou o policial sentado na mesa da Asa Norte. Um policial acostumado a se sentar nessa mesa, que co-

mandou 28 carros, espalhados por nove cidades, na noite de sexta-feira. Sem dúvida, a mesa da Asa Norte, ao lado da mesa da Ceilândia, é uma das mais solicitadas nessas noites que se estendem pela madrugada. Ela abrange a Asa Norte, Lago Norte, Varjão, Vila Planalto, Sobradinho, Planaltina, Vale do Amanhecer, Paranoá e São Sebastião.

E logo a noite se transforma em madrugada. Bem no início da madrugada de sábado, um senhor que se identifica apenas como Oscar liga para o Copom e queixa-se de não estar conseguindo entrar na sua quadra, na 210 Sul, por causa da quantidade de carros estacionados na entrada da quadra.

Minutos depois, a reportagem do **Correio** chega ao local, mas não encontra carro algum estacionado na entrada da quadra. O telefone que Oscar deixou no Copom está fora do ar. Das 364 solicitações feitas nesse dia, para que a polícia comparecesse a diferentes locais, 217 terminaram como a do senhor Oscar: nada foi constatado.

Na primeira hora de sábado, os policiais que trabalham no Copom se agitam, comemoram. Seus companheiros de farda, na rua, conseguem prender Anderson Feitosa dos Santos, acusado de atirar contra um rapaz em Santa Maria.

Ele foi preso por policiais que faziam patrulha perto do lugar onde ocorreu o crime. Ao ser preso, ele nega que tenha atirado contra seu desafeto. “Quem atirou foi aquele ali de boné branco”, diz, apontando para o menor que o acompanhava. A arma que ele usava foi encontrada pela polícia perto dali com cápsulas deflagradas. Fugitivo do Núcleo de Custódia, Anderson voltou para a cadeia. Vitória do plantão de polícia.